

## Os Pais da Igreja e as Obras de Patrício: Uma Análise da Cristianização da Irlanda

(The Fathers of Church and Patrick's Works: An Analysis of  
the Irish Christianization)

---

---

---

Ana Teresa Marques Gonçalves  
Dominique Vieira Coelho dos Santos  
Universidade Federal de Goiás

### Resumo

Nesta comunicação pretendemos discutir como a análise das obras de Patrício, intituladas *Confesio e Epistola ad Milites Corotici*, contribuíram para o entendimento do processo de cristianização da Irlanda. Além disso, objetivamos demonstrar que Patrício deveria ser visto como um dos Pais da Igreja Cristã.

**Palavras-chave:** Patrício, Cristianismo, Igreja, Irlanda, Pai da Igreja.

### Abstract:

With this paper, we intend at discuss how the analysis on Patrick's Works analysis, *Confesio* and *Epistola ad Milites Corotici*, has contributed to the understanding of the process of christianization in Ireland. Furthermore, we intend to demonstrate that Patrick should be seen as one of the Fathers of the Christian Church

**Key words:** Patrick, Christianity, Church, Ireland, Father of Church.

Recepción: 12/05/2008

Evaluación: 29/05/2008

Aceptación: 30/05/2008

---

São considerados Pais da Igreja cristãos dos primeiros séculos da História do Cristianismo responsáveis por elaborar e sistematizar parte das doutrinas que serviram de fundamento para o desenvolvimento da fé cristã. Aristides, Teófilo de Antioquia, Agostinho, Tertuliano, Orígenes, Justino, Eusébio de Cesaréia, João Crisóstomo, Ambrósio, Lactânio, Gregório de Nissa, Boécio, são todos eles considerados Pais da Igreja. São Patrício, o patrono dos irlandeses, nunca fez parte desta lista. Todavia, acreditamos que já está na hora desta ausência ser questionada.

Patrício nasceu em uma nobre família bretã, no fim do século IV, quando parte da Bretanha era uma província romana. Viveu até os dezesseis anos de idade com seu pai, Calpurnius, em *Bannauen Taberniae*, um pequeno vilarejo um pouco privilegiado pelo fato de servir como centro comercial e agrícola. As vilas na Bretanha deste período se conectavam com grandes cidades e formavam um sistema econômico próprio. Estas vilas ficavam próximas das cidades ou, então, das estradas que eram rotas de alimentos, porque elas não tinham acesso direto aos mercados[1]. Além de ser filho do diácono Calpurnius, ele era também neto de um presbítero chamado Potitus. Ou seja, Patrício cresceu aprendendo bretão, seu idioma materno, e o latim da província romana da Bretanha. Assim, foi educado na religião cristã. Após estes anos,

Patrício foi raptado por piratas e conduzido à Irlanda, terra de seu cativo.

Patrício escreveu duas cartas, obras das quais podemos abstrair alguns de seus pensamentos, intituladas *Confesio e Epistola ad Milites Corotici*. A primeira é um texto escrito no fim de sua vida para defender-se principalmente da acusação de que teria ido para a Irlanda ganhar dinheiro. Neste texto, Patrício fala sobre sua origem, suas dificuldades e revela um pouco de sua personalidade. A outra carta, por sua vez, foi escrita como um protesto e uma advertência ao próprio Coroticus, um chefe de soldados que teria detido alguns discípulos de Patrício e que perseguia, segundo sua opinião, os cristãos irlandeses. Existem outros textos atribuídos a Patrício, mas a veracidade dos mesmos não é confirmada e aceita pelos estudiosos do tema.

Não temos muitas referências ao Cristianismo na Bretanha antes do quarto século. Existem referências na *Historia Brittonum* de Nennius, informando que um rei bretão chamado Leucius foi batizado junto com sub-reis de toda a Bretanha, no ano 167, e também nas *Homiliae* de João Crisóstomo, apontando para uma origem apostólica do cristianismo britânico. No entanto, o Cristianismo pode ter alcançado as ilhas britânicas por meio de comerciantes ou de soldados convertidos[2]. Somente no quarto século as informações sobre o Cristianismo aumentam um pouco. Desta época nós temos mosaicos cristãos que a arqueologia encontrou em algumas vilas e também cruzeiros com inscrições. É também no quarto século que encontramos pela primeira vez referências ao cristianismo britânico na literatura. Todavia, Liam de Paor[3] defende que estas referências ajudam pouco e que a história da igreja na Bretanha neste período é pouco conhecida. Em finais do século IV, muitos bretões já eram cristãos, mas foi somente no século V que a Igreja na Bretanha cresceu, tanto em influência quanto em número de membros. Por isso, os documentos escritos por Patrício são os principais textos que temos para o conhecimento das doutrinas cristãs, nesta parte do mundo, neste período.

Os textos de Patrício compõem, como ressalta Hanson, “a primeira literatura da Igreja bretã”. O autor menciona também os escritos de Fastidius e os documentos de Pelágio, mas diz que não são mais do que conjecturas. Já em Patrício, nós temos a primeira testemunha do texto da Bíblia usada pela Igreja bretã. Em suas cartas, podemos também coletar as evidências do tipo de latim que era usado na Bretanha e as primeiras informações sobre a doutrina da Igreja bretã. Hanson afirma que a importância de Patrício é nos proporcionar um pouco de conhecimento, embora seja “indireto e fortuito”, acerca da Irlanda e da Bretanha do século V[4].

Também não existia, no começo do século V, a idéia de enviar um missionário para cristianizar povos que eram considerados bárbaros. Nenhum bispo católico tinha ultrapassado as fronteiras do Império Romano com esta intenção antes de Patrício. Não era costume dos cristãos do século V se importarem com povos que eles consideravam assassinos e seqüestradores[5]. Patrício conseguiu formar uma comunidade de cristãos na Irlanda e seus textos têm relação com as vivências

significativas que ele teve em torno desta comunidade.

Patrício não era um teólogo especulativo. Não encontramos em seus textos teorias complexas sobre a alma ou sobre o tempo, como podemos perceber, por exemplo, nos textos de Santo Agostinho. Em nenhum momento Patrício propõe uma reforma de algum dogma da Igreja ou pretende combater alguma heresia. Até mesmo sobre Pelágio, Patrício nada diz. Talvez o pelagianismo tenha afetado somente uma parte da ilha e como Patrício havia permanecido no interior do oeste da Bretanha, pode ser que nunca tenha ouvido acerca desta heresia. Possivelmente, por não apresentar esta característica comum aos textos de outros autores reunidos sob a insígnia de Pais da Igreja, Patrício não foi incluído entre eles.

Outros motivos talvez tenham colaborado para isto, como a especificidade do cristianismo irlandês e britânico a o desenvolvimento tardio da Igreja nesta parte do mundo. Nos tempos de Patrício, a Irlanda ainda era pagã e somente a parte romanizada da Bretanha conhecia o cristianismo. A Igreja irlandesa, por exemplo, divergia em vários aspectos com relação às crenças comuns desenvolvidas em torno de Roma. Aceitava que mulheres fossem abadessas e até mesmo que fossem à guerra liderando exércitos armados, seguia uma data da Páscoa, baseada em cálculos astronômicos elaborados pelos druidas, diferente da data comum, entre outros aspectos que a diferenciavam da igreja romana. Somente no século VIII é que Patrício foi reconhecido como um santo e as Igrejas da Irlanda e do continente se aproximaram, ainda apresentando divergências, principalmente nas formas de elaboração dos manuscritos, que na Irlanda continham inúmeros aspectos pagãos, e também no que se refere à liturgia empregada.

Patrício é um dos raros autores bretões que podemos conhecer. Seus textos são de fundamental importância para o conhecimento da Igreja bretã. Em diversos momentos, Patrício *representa* a si mesmo em suas cartas. Como explica Ruty Amossy, mesmo sem querer, o autor de um texto constrói nele uma imagem de si. Nem é necessário que o escritor faça um auto-retrato ou mesmo que fale explicitamente acerca de si, mas suas competências linguísticas e suas crenças implícitas já são suficientes para construir uma *representação* de sua pessoa[6]. Entretanto, nas Cartas, ele construiu uma imagem de si mesmo, a partir de uma opção discursiva. Para responder aos questionamentos que lhe foram feitos e se justificar perante as acusações que sofreu, Patrício fala acerca de si como uma estratégia retórica. As representações que ele faz de sua pessoa são mais um argumento que contribui com sua tese principal de que foi Deus quem o enviou para Irlanda e, assim sendo, ele não foi para lá para ganhar dinheiro. Janet Huskinson[7] nos mostra que existia uma diversidade cultural dentro do Império Romano e uma complexa relação política, cultural e administrativa entre Roma e as províncias. Por este motivo, devemos ter o cuidado, ao estudar qualquer personagem que tenha vivido sob estas circunstâncias de levar em consideração o que o autor fala de si mesmo, como define sua sociedade e seus costumes. Pois se por um lado, Patrício era um cidadão romano, por outro, não podemos esquecer jamais de que

ele era um bretão.

Logo no início de sua *Confissão*, Patrício já apresenta algumas caracterizações sobre sua pessoa. Ele começa esta carta dizendo que é um pecador, talvez o mais rústico entre todos os fiéis, pequeno diante de Deus, se considera insignificante, ignorante e imperfeito em muitas coisas. Ele se mostra fazendo uso destes adjetivos pejorativos, mas em se tratando de defender o relacionamento que ele diz ter com Deus e suas intenções bondosas, estes qualificativos podem ser entendidos como fortalecedores da imagem que ele pretende passar. Todavia, há autores<sup>[8]</sup> que acreditam em uma sinceridade de Patrício e que toda esta humildade, rebaixamento moral e espiritual podem ser resultados do trauma da escravidão. Vejamos, então, o primeiro versículo de sua *Confissão* e a forma como ele começa seu discurso, em que defenderá sua posição de missionário na Irlanda:

“Eu, Patrício, um pecador, o mais rústico e o menor entre todos os fiéis, profundamente desprezível para muitos. Eu ignorava o verdadeiro Deus e junto com milhares de pessoas fui capturado e conduzido ao cativo na Irlanda segundo o nosso merecimento, por afastarmos-nos bastante de Deus, não guardamos os seus preceitos, nem sermos obedientes aos nossos sacerdotes, que nos exortavam a respeito da nossa salvação. E o Senhor lançou sobre nós a violência de sua cólera e nos dispersou entre vários povos até os confins da terra, onde agora na minha pequenez, me encontro entre estrangeiros” (*Confissão*, 1).

A partir do trecho acima, percebemos que Patrício se representa como alguém que acredita em uma idéia de punição divina. E isto que Patrício quer dizer com “nosso merecimento”. Para compreendermos isto melhor é necessário estabelecer uma diferença entre punição e provação. A primeira palavra é a que se aplica melhor ao discurso de Patrício. Segundo o que ele nos diz, Deus fez com que ele fosse raptado por piratas e disperso entre pessoas estrangeiras até os confins da terra. Foi dessa forma que Patrício esteve na Irlanda pela primeira vez. O fato de ter sido enviado a um país estrangeiro, ter sua língua vertida em outra, passar fome e frio está relacionado à sua desobediência. Patrício estabelece uma relação de troca. Ele se representa crente que foi punido pelo fato de ter se afastado de Deus. Podemos interpretar este discurso pelo menos de duas maneiras: 1) Patrício acreditava que se tivesse guardado os preceitos divinos não seria punido, pois não haveria de merecer a pena. Assim, o fato de ter sido levado para Irlanda deu-se exclusivamente pela sua desobediência, tratando-se de uma punição; 2) ele está usando este argumento para corroborar sua idéia de que era um miserável pecador e na Irlanda ele se converteu e foi escolhido por Deus para trabalhar como missionário junto aos irlandeses. Se admitirmos a primeira opção, Patrício afirma de fato acreditar que sua ida para Irlanda como escravo era uma punição divina; se, por outro lado, ficamos com a segunda alternativa, ele fala nestes termos apenas para se defender das acusações que lhe estavam fazendo.

A idéia de punição difere da de provação. O exemplo clássico de provação é o personagem Jó da narrativa bíblica. No caso do mito de Jó, ele não merecia ser

punido, provado, tentado ou qualquer coisa do tipo, pois era irrepreensível. Assim sendo, Deus mesmo não o provou, mas permitiu que Satanás o fizesse. A continuação desta narrativa descreve seu personagem principal caindo em várias desgraças, tentado e humilhado de todas as formas, porém permaneceu fiel a Deus e Satanás não foi capaz de fazê-lo desviar-se dos seus objetivos e crenças. Neste caso, temos a idéia de provação e não de punição e mesmo assim não é Deus o provador e sim Satanás. O máximo que pode ser atribuído a Deus é o papel de cúmplice por permitir a provação de Jó.

Quando Patrício diz: “segundo o nosso merecimento”; “por não guardarmos”; “afastarmos-nos” e “não sermos obedientes”, ele cria uma outra dificuldade de interpretação. Como ele poderia saber acerca da crença das outras pessoas que foram raptadas com ele? Eram todos pagãos? Eram cristãos? O fato é que neste trecho podemos notar duas claras generalizações. A primeira é numérica. Segundo Patrício, junto com ele, foram raptadas milhares de pessoas. Sua intenção aqui não é dizer com exatidão quantas pessoas entraram naquele navio com ele, mas afirmar que era um grande número. Devemos lembrar que se trata de uma argumentação perante seus acusadores na qual ele tenta mostrar que foi pra Irlanda por vocação e que foi chamado por Deus. Dentre os artifícios de convencimento usados está esta menção das pessoas que estavam com ele naquele dia. A idéia que Patrício pretende passar é a de que ele era somente um entre muitos. Ele era apenas mais um pecador miserável entre milhares de pessoas que mereciam a escravidão pelos motivos que destacamos na citação supramencionada.

A segunda generalização é a de colocar todas estas pessoas no mesmo estado de crença. Como pode ser que piratas irlandeses raptassem milhares de pessoas na costa da Bretanha e fossem todas elas cristãs? Certamente havia pagãos entre elas. As pessoas que mais eram capturadas eram aquelas que viviam trabalhando nos campos. E elas eram, em geral, pagãs. O cristianismo na Bretanha deste período era uma religião das *villae* e não dos *pagi*. O habitante dos *pagi* era caracterizado como *paganus* e, portanto, tinha crenças pagãs. Patrício pode ter representado as coisas em seu texto desta maneira por dois motivos: 1) ele pode ter generalizado seu modo de ver as coisas aos demais, atribuindo às outras pessoas aquilo que ele acreditava ser um problema de sua própria conduta religiosa; 2) Patrício pode ter mencionado esta questão para introduzir a noção de merecimento e punição divina. É a partir desta idéia que ele constrói sua noção de graça e, nos versículos seguintes de sua *Confissão*, apresenta aos seus críticos seu conceito de conversão, levantando os argumentos necessários para convencê-los de que ir para tão longe de seus parentes e amigos divulgar princípios cristãos foi uma resposta ao chamado divino, pois, segundo afirma em seu discurso, Patrício não iria para a Irlanda caso não houvesse esta vocação, nem mesmo para ganhar dinheiro.

Diferentemente dos discursos que encontramos em vários textos escritos durante a Idade Média, em que Patrício é representado como um santo poderoso, fazedor de

milagres diversos, expulsando as serpentes da Irlanda, lutando contra druidas e até participando de disputas mágicas, fazendo os pagãos temerem, em suas cartas, Patrício se representa sempre se diminuindo. É o discurso da humildade. Ele se mostra como humilhado e que tudo quanto faz só o pode fazê-lo porque Deus está com ele e o ajuda. Como nesta passagem da *Confissão*:

“Por esta razão tenho pensado em escrever, mas até agora tenho hesitado; na verdade temi me expor na língua dos homens, porque não me instrui da mesma maneira que os outros, que têm assimilado bem tanto a lei como as Sagradas Escrituras e nunca mudaram o idioma desde a infância, mas ao contrário, sempre o tem aperfeiçoado. Enquanto a nossa linguagem e idioma foram traduzidos para uma língua estrangeira, assim facilmente se pode provar a partir de uma mostra dos meus escritos a minha qualidade em retórica, a minha instrução e também erudição, porque, está escrito: A sabedoria será reconhecida pelo modo de falar, no entendimento, e no conhecimento da doutrina da verdade” (*Confissão*, 9).

A partir do trecho acima, Patrício faz uma reclamação. Lendo suas duas cartas como um sistema, podemos perceber que isto se refere ao seu rapto e conseqüente escravidão na Irlanda. Enquanto as pessoas que estão inquirindo Patrício estudaram tanto as leis da Bretanha romana como os textos bíblicos no mesmo idioma por vários anos seguidos, ele teve que interromper seus estudos e pastorear ovelhas na Irlanda. No trecho mencionado, podemos perceber esta insatisfação e a forma como Patrício representa a si mesmo como inculto. Apesar de Patrício “não ter estudado como os demais”, podemos notar que ele não ignora totalmente as escrituras. Em vários momentos de suas cartas observam-se passagens como “isso foi dito pelo profeta”; “assim está escrito”; “está escrito”, pelas quais ele está tentando fundamentar suas opiniões e se defender das críticas, construindo seu discurso baseado na autoridade bíblica.

Quando ele pede para que verifiquemos por meio de sua “qualidade em retórica”, sua “instrução” e também “erudição”, sua pretensão é desculpar-se por não escrever bem, por não dominar as artes retóricas como as pessoas estão lhe questionando. É por este motivo que Patrício diz que desejava escrever, mas tinha hesitado até o momento em que compôs a sua *Confissão*, pelo fato de temer as críticas que poderia sofrer em se expor em sistemas discursivos que não dominava plenamente. Aqui nota-se um Patrício que se representa como inculto no que diz respeito às formas de exposição em língua latina acerca da lei e do que ele chama de “sagradas escrituras”. Sobre esta questão, Patrício diz ainda que se “envergonha” e que “teme de forma árdua” mostrar sua “ignorância”. Ele diz que não é “eloqüente” e, por este motivo, não consegue “dizer com palavras” como seu “espírito” está “ávido” por fazer as coisas e o tanto que sua “alma” e seu “entendimento” se mostram “dispostos” ao mesmo propósito (*Confissão*, 10).

Acompanhando o desenvolvimento da argumentação estabelecida por Patrício em sua *Confissão*, podemos perceber que ele continua, ao longo de toda a carta, se representando como um simples camponês e incapaz de fazer por si só as coisas:

“Por isso eu, o maior dos camponeses, fugitivo, evidentemente ignorante, alguém que não é capaz de prever o futuro, mas sabe com certeza que, em todo o caso, antes de ter sido humilhado, eu era como uma pedra que jazia no lodo profundo” (*Confissão*, 12).

Percebe-se que o argumento mantido é o de que tudo quanto Patrício conseguiu fazer, tudo quanto se tornou e as coisas que realizou na Irlanda só foram possíveis com a ajuda de Deus. A palavra “confissão” não era usada como no sentido moderno, não tem o mesmo significado que atribuímos a ela. Thompson[9] diz que era um sinônimo de defesa, era uma espécie de justificação da vida. Quem eram estes que investigavam Patrício? Quem eram estes doutores da lei? Que direito eles tinham sobre ele? Não sabemos ao certo, pois Patrício não nos fala sobre isso com clareza. O fato é que em momento algum ele questiona o direito destas pessoas de o interrogarem e de rejeitá-lo. Assim, o que Patrício tenta fazer é apenas justificar determinadas partes de sua carreira missionária diante deste grupo de pessoas que o criticavam.

Não nos interessa aqui apresentar todas as palavras que Patrício usa para se caracterizar como humilde e pecador. Cremos que por meio do que foi exposto pode-se chegar à conclusão de que o discurso construído por ele ao longo de sua confissão segue estes padrões. Ele representa a si mesmo como alguém ignorante que só conseguiu cumprir sua missão na Irlanda devido à ação de Deus e não às suas próprias vontades. Quando alguém lhe oferecia um sacrifício, Patrício dizia que este só poderia ser feito a Deus (*Confissão*, 19); quando alguém lhe oferecia adornos ou qualquer tipo de recompensa a troco de seu trabalho, ele diz que não aceitava (*Confissão*, 49-50). Ele termina sua *Confissão* dizendo que não atribuíssem nada à sua ignorância, ao “indouto” Patrício e que ele não era merecedor de nenhum tipo de glória.

Tanto na *Confissão* quanto na *Carta aos soldados de Coroticus*, Patrício nos fornece vários indícios de sua fé. Ele menciona várias passagens bíblicas e inúmeras ocasiões em que podemos perceber quais são seus posicionamentos cristãos sobre vários assuntos teológicos. A primeira característica que Patrício deixa transparecer em sua *Confissão* é que Deus pode punir aqueles que não o obedecem. É assim que Patrício justifica sua escravidão na Irlanda. Segundo ele, Deus lançou sobre ele e as pessoas que tinham sido raptadas com ele a “violência de sua cólera”. Isso ocorreu porque tanto Patrício quanto estas pessoas não teriam sido obedientes a ele. Este tipo de ira também está reservada a todos aqueles que não seguirem os caminhos de Deus. Segundo Patrício, Deus “destrói” os que se comportam de forma inadequada (*Confissão*, 1).

Esta concepção de um Deus que repreende, que pune, está plenamente relacionada a uma visão pedagógica. Segundo Patrício, tudo isso que Deus fez foi visando o seu próprio bem. Isso lhe ocorreu para que ele fosse preparado para o trabalho que iria realizar. Assim, em vários momentos de sua *Confissão*, Patrício menciona as ajudas que recebeu de Deus. Se por um lado, Deus é um Deus de ira; por outro, ele é um

Deus de compaixão e misericórdia. Todavia, isto está intimamente ligado ao conceito de conversão que Patrício apresenta. Assim, para obter as bênçãos de Deus é necessário converter-se ao cristianismo e seguir os caminhos corretos, caso contrário, toda sorte de punições poderá ocorrer. A conversão só pode acontecer pela graça, entendida como um favor imerecido de Deus. Se converter ao cristianismo, para Patrício, significa “recuperar a razão”, assim como na parábola bíblica, o filho pródigo que “caindo em si” resolve voltar para casa de seu pai. É este o desejo de Patrício a Coroticus, que este possa “recuperar a razão” e “inspirado por Deus” possa se “arrepender” de seus atos ímpios (*Carta*, 21). Patrício diz que na Irlanda “o Senhor abriu o entendimento de seu coração de incredulidade”. Segundo ele, Deus não levou em conta sua “mocidade” e “ignorância” e dignou-se lhe conceder “tantas graças e dádivas” (*Confissão*, 2-3). Patrício nos apresenta em sua *Confissão* um resumo de seu credo:

“Porque não há outro Deus, nunca houve antes, nem haverá no futuro, além de Deus pai não gerado, sem princípio, do qual procede todo o princípio, quem tudo possui, bem como tem nos sido dito; e seu filho Jesus Cristo, que assim como o pai evidentemente sempre existiu, antes do começo dos tempos em espírito com o pai, inefável, criado antes da origem do mundo, e por ele mesmo foram criadas todas as coisas visíveis e invisíveis. Ele foi feito homem, venceu a morte e foi recebido no céu junto do pai, e foi-lhe dado todo poder absoluto sobre todo nome no céu, na terra e no inferno para que assim toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor e Deus, em quem nós cremos e esperamos o advento de sua iminente volta, como juiz dos vivos e dos mortos. Este que dará para cada um segundo os seus feitos, e derramou em nós abundantemente o seu Espírito Santo, o dom e a garantia da imortalidade, que tornou os crentes e obedientes em filhos de Deus e co-herdeiros de Cristo, àquele que confessamos e adoramos, o único Deus na trindade do seu santo nome” (*Confissão*, 4).

A partir destes versículos, notamos que Patrício apresenta várias concepções acerca de como compreende, de uma forma geral, a doutrina cristã no que diz respeito aos seus principais pontos: 1) Deus é único e não gerado; 2) tudo foi criado por ele; 3) Cristo e Deus são co-substanciais e existem desde o princípio dos tempos; 4) Cristo mesmo sendo também Deus, viveu como homem aqui na terra, morreu e ressuscitou; 5) A Cristo foi dado todo o poder de julgar os vivos e os mortos; 6) crença na trindade. Por meio destas declarações, percebemos que Patrício não manifesta nenhum tipo de semelhança com as doutrinas do arianismo, pois, em sua opinião, Cristo é co-eterno com o pai e possui a mesma substância. Pelos escritos de Patrício, podemos observar que suas idéias são mais semelhantes ao credo nicênio, não se aproximando também do pelagianismo. Patrício mantinha divergências tanto com relação ao principal ponto defendido pelo arianismo (consustancialidade), quanto o que era defendido pelo pelagianismo (necessidade da graça para salvação).

Na carta que Patrício escreveu aos soldados de Coroticus, inferimos grande parte de seu pensamento escatológico. Trata-se de suas interpretações sobre as últimas coisas que deverão ocorrer com a segunda vinda de Cristo à terra. Patrício diz que a pena de

Coroticus, caso não se arrependa, será no inferno, onde haverá apenas dor. É interessante esta menção que Patrício faz ao inferno porque ele pode ser considerado o introdutor desta idéia na Irlanda. Claro que é possível que os cristãos que estiveram na Irlanda antes de Patrício tenham feito referências ao inferno, mas nenhum vestígio do que acreditavam estes cristãos nos chegou.

Segundo as crenças dos povos celtas, este mundo seria apenas um reflexo do outro mundo. O contato entre este mundo e um outro, chamado *Síd*, é freqüente. Pode-se adentrá-lo, pode-se viajar até ele, pode-se lutar com as divindades. Neste outro mundo, o tempo passa de forma diferente: mais lento, mais rápido, ou pode simplesmente não passar. Em algumas narrativas celtas, quando alguém passa dois, três dias no *Síd*, sem se dar conta, fica ausente por anos no mundo de cá. O tempo e o espaço são percebidos pelos Celtas de forma bem diferente de como são compreendidos pelo cristianismo. Para o cristianismo, a concepção mais próxima desse outro mundo céltico é a de paraíso. Todavia, esse paraíso só pode ser alcançado após a morte. Para os Celtas, o *Síd* poderia ser atingido a qualquer momento da vida e caso não se voltasse de lá, a morte era vencida. Assim como a noção de paraíso ou céu era estranha para os celtas, a de inferno também o era. Para um irlandês do século V seria inadmissível a idéia de inferno. Mesmo durante muito tempo depois da entrada do cristianismo na Irlanda, esta idéia continuou mal compreendida. No século XII, surge na Irlanda a idéia do purgatório, como um lugar para onde as almas vão (*Purgatorium*). Esta noção é encarada como uma tentativa de conciliação entre as bonanças celestiais e os horrores do inferno[10].

Patrício diz que o chefe bretão será escravizado em uma pena eterna, diferente da pena passageira que ofereceu aos cristãos. Ele será “consumido por fogo inextinguível”, “atormentado pela ira dos dragões”, “a língua das serpentes o matará”. São estas as metáforas que Patrício usa para representar o inferno. Todas elas significam dor e afastamento divino. Tanto o dragão quanto a serpente são associados à figura de Satanás. Segundo Patrício, quando Cristo voltar para buscar os seus, nem os homens de Coroticus escaparão, pois os que contribuem com o mal também são condenados:

“Vocês então reinarão junto com os apóstolos e profetas e também os mártires. Vocês tomarão posse de um reino eterno, assim como ele mesmo disse: virão do oriente e do ocidente e sentar-se-ão a mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus. De fora ficarão os cães, os feiticeiros e os homicidas e: Aos mentirosos e aos que dão falso testemunho estarão reservadas suas partes no lago de fogo eterno. Não é sem razão que o apóstolo disse: se o justo foi salvo penosamente, onde se encontrarão o pecador e o ímpio transgressor da lei?” (*Carta*, 18).

“Onde então Coroticus com seus infames criminosos, rebeldes contra Cristo, onde se verão? Aqueles que distribuíram jovens mulheres batizadas como prêmios por um reino temporal miserável que em um momento passa? Como nuvens e fumaça que o vento espalha, assim os pecadores fraudulentos perecerão ante a face do Senhor; os justos, porém, participarão de um grande banquete em grande perseverança com Cristo,

eles julgarão as nações e dominarão sobre os reis iníquos pelos séculos dos séculos. Amém” (*Carta*, 19).

Segundo Patrício, as ações de Coroticus foram gravíssimas, pois nem mesmo o inferno se alegraria com as injustiças sofridas pelos servos de Deus. Todos os despojos adquiridos pelos soldados de Coroticus seriam vomitados no dia da vinda de Cristo, porque “O Altíssimo” reprova as ofertas dos “iníquos” e também porque os que fazem o mal recebem a “morte eterna” como recompensa (*Carta*, 13). Por meio destas considerações, podemos perceber como é sua visão acerca das últimas coisas que deverão ocorrer. Haverá um juízo final em que todas as pessoas serão julgadas pelo que fizeram e uns serão salvos, ao passo que outros serão condenados. A doutrina de Patrício é bem semelhante ao Novo Testamento (por exemplo: Marcos 16:16; Atos 3:19; Apocalipse 21:6-8; Romanos 3:23-24), principalmente no que diz respeito às cartas de Paulo. Tanto sua *Confissão* quanto a *Carta aos soldados de Coroticus* estão repletas de trechos semelhantes a estes. Em resumo, dizem a mesma coisa: os justos serão salvos, enquanto os que cometem injustiças e não se arrependem serão condenados ao fogo do inferno.

Patrício conseguiu formar uma comunidade de cristãos na Irlanda, mas ela não foi reconhecida pela Igreja bretã, o que causava indignação a Patrício. Isso significa que Patrício não dispunha de uma comunidade romana unificada, ao contrário de Severino e dos bispos da Gália. Na visão de um bretão romanizado, os irlandeses eram bárbaros e, por este motivo, considerados perigosos. Para Coroticus, por exemplo, mesmo quando batizados, os irlandeses nunca poderiam ser considerados cidadãos de Roma. A Bretanha mantinha contatos constantes com os romanos e muitos bretões falavam latim; já a Irlanda ficava isolada pelo mar, os irlandeses falavam apenas o gaélico e tinham como escrita apenas o Ogham. Patrício diz que a Igreja bretã não acreditava que os irlandeses evangelizados por ele poderiam receber o mesmo batismo e ter o mesmo Deus em comum. Segundo Patrício, para os bretões “é indigno que sejamos irlandeses” (*Carta*, 16). É importante notar que Patrício também pensava assim e só mudou sua visão após ter sido escravo na Irlanda. Todavia, ele só mudou de opinião com relação aos irlandeses, pois no que diz respeito aos pictos, Patrício continuou a compartilhar do mesmo pensamento que seus familiares bretões, de que eram povos bárbaros, os mais “indignos” e “abomináveis” (*Carta*, 2-15).

Patrício diz que não pensava em nada além dele mesmo e que por isso foi repreendido por Deus. Se não fosse isso, não teria ido para Irlanda de forma espontânea. Informa que estava a ponto de desistir e que Deus o preparou para que fosse um missionário e fosse para Irlanda “pregar o evangelho” e “suportar as injúrias dos incrédulos” e sofrer “muitas perseguições e até prisões” (*Confissão*, 28-37). Pelas citações que Patrício faz de alguns versículos bíblicos, podemos perceber que a Irlanda era o fim do mundo, o limite máximo a se alcançar dos confins da terra: “Ponho-te como luz para os gentios para que tu possas levar salvação até os confins da terra” (*Confissão*, 38).

Em outra passagem da *Confissão*, Patrício diz que na Irlanda nunca haviam tido o

conhecimento de Deus:

“Assim, tal como acontece na Irlanda onde nunca tiveram conhecimento de Deus, mas que, até o presente momento, só conheciam ídolos e coisas impuras, como que recentemente estão se tornando um povo do Senhor sendo chamados de filhos de Deus, os filhos dos Scotos e as filhas dos reis são vistas como monjas e virgens de Cristo” (*Confissão*, 41).

Acreditamos que a partir da análise deste trecho é que se originaram várias discussões em torno da questão de Patrício ter ou não sido o primeiro missionário da Irlanda. Os que discordam desta afirmação dizem que Patrício conheceu apenas uma parte da ilha que não tinha sido ainda apresentada ao cristianismo.

Patrício representa uma Irlanda que desconhecia o cristianismo. Ele classifica as crenças dos irlandeses como “idolatria” e diz que acreditavam em “coisas impuras”. Patrício está se referindo às crenças dos celtas. No mesmo trecho, podemos observar a opinião que ele nos apresenta de que “recentemente” os irlandeses estão se convertendo ao cristianismo, por meio dele, e estão se “tornando” um “povo do senhor” e por este motivo podem ser chamados de “filhos e filhas de Deus”. Note a menção feita por Patrício aos “filhos dos Scotos” e às “filhas dos reis”. A Irlanda era dividida em vários pequenos reinos e cada uma destas partes era chamada de Tuath, cada uma delas com um rei e são às filhas destes reis que Patrício está se referindo. Segundo ele, estão se tornando “monjas” e “virgens de Cristo”:

“E ainda uma abençoada irlandesa [Scota], nobre, linda e de idade adulta, que eu batizei; poucos dias depois veio a nós e nos informou que tinha recebido uma profecia de um mensageiro de Deus e sido convidada a ser uma virgem de Cristo e aproximar-se de Deus. Graças a Deus, que seis dias depois, excelentemente e avidamente ela tomou o caminho que todas as virgens de Deus tomam, mas não com o consentimento dos pais dela, mas suportando perseguições e as reprovações imerecidas de seus parentes. Apesar disso o número delas aumenta (a respeito das que são de nossa raça nascidas lá desconhecemos o número) além das viúvas, e aquelas que mantêm a continência. Mas entre elas as que mais trabalham são as que são mantidas na escravidão. Além de terrores, elas suportam ameaças constantes; mas o Senhor concede muitas graças as suas servas, pois mesmo apesar da prisão (sendo proibidas) elas resolutamente seguem o seu exemplo” (*Confissão*, 42).

Neste trecho, Patrício nos fala sobre um certo tipo de situação enfrentada pelos novos convertidos à fé cristã na Irlanda e suas dificuldades. Segundo ele, esta “nobre” irlandesa, “de idade adulta”, foi batizada por ele e depois “sem o consentimento” do pai tomou o caminho “que todas as virgens de Deus tomam”, suportando assim “reprovações e perseguições” dos próprios parentes, o que sugere que o cristianismo de Patrício não foi aceito na Irlanda sem resistência. Outros tipos de mulheres mencionados por ele no versículo citado são as viúvas e as que são mantidas em cativeiros. Patrício diz que mesmo com a prisão, “elas seguem” o exemplo de Cristo. Estas virgens de Cristo e mulheres religiosas davam a ele espontaneamente alguns “pequenos presentes” e “seus adornos” que “costumavam jogar ao altar”. Ele nos fala que devolvia tudo, esperando se proteger de qualquer coisa que fosse e não ser

acusado de desonestidade e que elas “se escandalizavam” com este fato.

Segundo as crenças pagãs célticas, era comum a prática de ofertas votivas em rituais religiosos e cerimônias de culto. A arqueologia já encontrou inúmeras peças de ouro, espadas e vários outros artefatos que foram lançados como oferta em lagos e outros lugares naturais. É totalmente compreensível o fato destas mulheres terem se escandalizado com Patrício. Podemos imaginar que elas tenham se assustado com esta atitude de Patrício, pois, para elas, isso era uma prática comum, fazia parte da cultura irlandesa neste período. Patrício desejava não ser acusado nem mesmo nesse “mínimo detalhe” e não queria “dar qualquer margem para difamação ou depreciação por parte dos incrédulos” e, segundo ele, era por isso que devolvia até mesmo estes adornos (*Confissão*, 49). É justamente disto que Patrício está se defendendo em sua carta. Ele então pergunta: “Por acaso quando batizei milhares de pessoas esperava algo em troca?” Patrício ainda diz que se alguém tem alguma acusação direta contra ele que digam e ele restituirá tudo, ainda que seja “o valor de um par de sapatos” (*Confissão*, 50). Segundo Patrício, “de vez em quando”, foi ele quem “deu presentes” aos reis e também “recompensas” aos filhos destes reis que viajavam com ele. Ele ainda diz que, um dia, ele foi preso junto com estes seus companheiros e tudo deles foi saqueado. Tudo que foi encontrado com Patrício e os que estavam com ele foi levado e ele ainda foi preso, ficando quatorze dias na prisão.

Patrício faz no versículo sessenta de sua *Confissão* uma comparação de Cristo com o sol. Segundo ele, o sol que nós podemos ver nasce todos os dias para nós sob o comando de Deus, mas nunca governará e nem “irá durar” o seu esplendor. Patrício afirma que “todos que adoram este astro irão desgraçadamente cair em punição”. No lugar do sol que os irlandeses adoravam, Patrício apresenta, então, Cristo, o “verdadeiro sol”. E ele conclama todos os irlandeses a adorarem este sol, “que nunca morrerá”. Segundo Patrício, aquele que fizer a vontade de Deus também “nunca morrerá”, mas permanecerá para sempre exatamente como Cristo “permanece eternamente” e que “reinará com Deus e com o Espírito Santo” (*Confissão*, 60). Em suas reclamações e diálogos com Coroticus, o chefe bretão, Patrício diz que está vivendo entre os bárbaros para pregar o Evangelho. Diz que vive como um “fugitivo”, “um estrangeiro” na Irlanda (*Carta*, 1). Neste momento em que Patrício está falando de suas dificuldades, ele usa o termo “bárbaro” para se referir aos irlandeses, para caracterizar a amplitude de seus problemas e para usar uma figura de retórica conhecida por seu interlocutor, já quando o objetivo é defender os irlandeses, Patrício se inclui entre os mesmos e não utiliza este termo.

Segundo Patrício, o seu trabalho na Irlanda estava crescendo e ele estava sendo bem sucedido. Neste sentido, para honrar o nome de Deus, valeu a pena ter deixado a casa de seu pai, ter “vendido” sua nobre posição e ido viver “pelo resto da vida” entre um povo que o tinha feito cativo (*Carta*, 10). Patrício descreve que batizou inúmeras pessoas na Irlanda e que estava conduzindo tudo com “o maior cuidado” e que já eram tantos convertidos filhos dos Scotos e filhas dos pequenos reis que eram

“monges” e “virgens de Cristo”, que, segundo ele, já nem poderia mais enumerar (*Carta*, 12).

Christina Harrington diz que estas menções que Patrício fez acerca da mulher na Irlanda celta do século V são as primeiras descrições de mulheres na história do cristianismo irlandês. Para compreendermos melhor o que significam estas conversões femininas neste período, deveríamos levar em consideração a religião e a sociedade pagã na Irlanda e os papéis religiosos desempenhados pelas mulheres nesta sociedade, mas não temos fontes que falem deste período[11]. A autora afirma que a *Confissão* de São Patrício e sua *Carta aos soldados de Coroticus* não são apenas os únicos textos a mencionar mulheres da Irlanda celta do século V ou as nossas primeiras informações sobre o cristianismo irlandês, mas que estas narrativas são também os únicos textos escritos que nos chegaram de qualquer religião deste período pré-cristão da Irlanda.

O mundo que Patrício encontrou na Irlanda celta do século V era um mundo repleto de deuses e deusas. Assim, estes novos convertidos, discípulos de Patrício, tinham que conviver com muitas divindades pagãs. Podemos inferir algumas dificuldades que Patrício encontrou para convencer os irlandeses a receberem o cristianismo. Os celtas não são povos que apresentam um pensamento sistematizado, unitário e com tendências universais. Tanto é que jamais conseguiram formar uma unidade territorial em conjunto com uma unidade política. Assim, Philip Freeman afirma que Patrício teve dificuldade em apresentar uma religião que fosse ao encontro do sistema religioso da Irlanda antiga[12]. Embora possamos fazer algumas perguntas sobre os métodos utilizados por Patrício em suas tentativas de evangelizar os irlandeses, abordar a hipótese de que se cristianizava um rei para que este conduzisse as pessoas que viviam em torno dele à fé cristã, entrar em discussões sobre como os irlandeses poderiam julgar o cristianismo enquanto não sabiam ler, se Patrício falava aos escravos com ou sem autorização de seus donos e outras questões semelhantes, sabemos que não conseguiremos desvendar plenamente estes mistérios. Patrício não diz nada sobre isso em suas cartas. Desta maneira, cremos que, por meio de seus textos, são estas as informações que podemos obter acerca da Irlanda e dos irlandeses no século V da era cristã. Informações estas que, a nosso ver, permitem colocar Patrício como um dos Pais da Igreja.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, RUTH, *Imagens de Si no Discurso*, São Paulo, Contexto, 2005.

FREEMAN, PHILIP, *ST. Patrick of Ireland*, New York, Simon & Schuster, 2004.

HANSON, R.P.C, *Saint Patrick: his Origins and Career*, London, Clarendon Press, 1968.

HARRINGTON, CHRISTINA, *Women in a Celtic Church : Ireland 450-1150*, Oxford , University Press, 2002.

HUSKINSON, JANET, “Looking for Culture, Identity and Power”. In: *Experiencing Rome : culture, identity and power in the Roman Empire*, London, The Open University Press, 2000, p. 3-28.

LE GOFF, JACQUES, *O Nascimento do Purgatório*, Lisboa, Estampa, 1993.

O'MATHÚNA, DÓNAL P., *Saint Patrick: his Life and Beliefs at Ashland Theological Seminary*, Ohio , Ashland , 1992.

PAOR, LIAM DE, *Saint Parick's World*, Indiana , University of Notre Dame Press, 1993.

SAINT PATRICK, *Confession et Lettre a Coroticus*, Traduit par R.P.C. Hanson, Paris, Du Cerf, 1978.

THOMPSON, E. A, *Who was Saint Patrick?*, New York , St. Martin 's Press, 1986.

---

[1] PHILIP FREEMAN, *ST. Patrick of Ireland* , New York , Simon & Schuster, 2004, p. 6.

[2] R. P. C. HANSON, *Saint Patrick: his Origins and Career*, London , Clarendon Press, 1968, p. 29.

[3] LIAM DE PAOR, *Saint Parick's World*, Indiana, University of Notre Dame Press , 1993, p. 9.

[4] R. P. C. HANSON, *Op. cit.*, p. 54.

[5] E. A. THOMPSON, *Who was Saint Patrick?*, New York , St. Martin 's Press, 1986, p. 98.

[6] RUTH AMOSSY, *Imagens de Si no Discurso*, São Paulo, Contexto, 2005, p. 9.

[7] JANET HUSKINSON, “Looking for culture, Identity and Power”, in *Experiencing Rome : culture, identity and power in the Roman Empire*, London , The Open University Press, 2000, p. 5.

[8] DÓNAL P. O'MATHÚNA, *Saint Patrick: His Life and Beliefs at Ashland Theological Seminary*, Ohio , Ashland , 1992, p. 10.

[9] E. A. THOMPSON, *Op. cit.*, p. 12.

[10] JACQUES LE GOFF, *O Nascimento do Purgatório*, Lisboa, Estampa, 1993, p. 230.

[11] CHRISTINA HARRINGTON, *Women in a Celtic Church: Ireland 450-1150*, Oxford , University Press, 2002, p.23.

[12] PHILIP FREEMAN, *Op. cit.*, p.105.

---

## Índice

